

CrossRef DOI of original article:

1 Leisure Practices in Segregated Spaces: The Case of Citrolândia

2 Nascimento, Alexandra

3 Received: 1 January 1970 Accepted: 1 January 1970 Published: 1 January 1970

4

5 Abstract

6 O presente artigo discute as modificações nas relações sociais estabelecidas entre os habitantes
7 do Citrolândia a partir de suas práticas de lazer. O trabalho é fruto de uma pesquisa de
8 mestrado que buscou investigar o processo de produção social daquele espaço. Utilizou-se
9 como metodologia a história oral. Foram realizadas entrevistas com moradores que lá residem
10 há quase 60 anos, aproximadamente. As transformações nas formas de sociabilidade no
11 Citrolândia guardam estreita relação não apenas com a crise moral e de autoridade das
12 instituições na atualidade, mas também com o convívio ao longo da história com a
13 discriminação.

14

15 **Index terms**— cidades, segregação, lazer, sociabilidade, Citrolândia.

16 Resumo-O presente artigo discute as modificações nas relações sociais estabelecidas entre os habitantes do
17 Citrolândia a partir de suas práticas de lazer. O trabalho é fruto de uma pesquisa de mestrado que buscou
18 investigar o processo de produção social daquele espaço. Utilizou-se como metodologia a história oral. Foram
19 realizadas entrevistas com moradores que lá residem há quase 60 anos, aproximadamente. As transformações nas
20 formas de sociabilidade no Citrolândia guardam estreita relação não apenas com a crise moral e de autoridade das
21 instituições na atualidade, mas também com o convívio ao longo da história com a discriminação.

22 1 I.

23 Introdução s cidades, espaços referenciais nas sociedades capitalistas contemporâneas, abrigam em seus espaços
24 pluralidades, contradições e conflitos que caracterizam a vida urbana. Essas particularidades conformam espaços
25 que podem ser apropriados e dominados em simultaneidade, em um fluxo infinito e contraditório.

26 O espaço urbano, multifacetado, abarca a experiência do encontro, da diferença, e dos conflitos. Nesse sentido,
27 conforme ??efebvre (2008) nas cidades capitalistas, excludentes e desiguais, não existe realidade urbana, nem
28 cidade como globalidade, pois estas são espaços de discriminação e segregação.

29 A ideia de prática aqui empregada buscará enfatizar a dimensão da cultura nas relações sociais, expandindo a
30 noção para além da visão funcionalista que a concebe como conjunto de normas, valores e atitudes, incorporando
31 o aspecto simbólico presente no processo de constituição dessas relações (PERALTA, 2007).

32 Tendo em vista, tal arcabouço teórico o presente texto buscará apresentar e discutir as transformações nas
33 formas de sociabilidade dos habitantes de um lugar que se constituiu no Citrolândia a partir de suas práticas de
34 lazer.

35 Este lugar é estigmatizado por parte da sociedade, em função da existência anterior de um espaço destinado
36 para isolamento e segregação de pessoas com hanseníase, a Colônia Santa Isabel. A segregação que fundamenta
37 a instalação da Colônia Santa Isabel teve como atributo central a medida sanitária de institucionalização
38 compulsória das pessoas que tinham hanseníase. Contudo, a ação estatal de isolamento e separação desse grupo
39 de pessoas do restante da sociedade provocou o engendramento de um novo território no entorno que veio a se
40 tornar o Citrolândia.

41 A construção da Colônia pode, sob essa perspectiva, ser abordada como um símbolo da modernidade que
42 o governo projetava para o país. Uma imagem da modernidade que reunia práticas totalitárias expressas
43 pelo higienismo sanitário, aversão ao risco pela securitização do social, a racionalização da existência e a
44 homogeneização dos modos de ser (MAFFESOLI, 2010).

45 Uma modernidade que expulsou os grupos sociais mais vulneráveis do espaço visível das cidades, encerrando-os
46 em localidades isoladas. Todavia, essas pessoas tinham vínculos com outros grupos da sociedade. Estes grupos,

2 II. PRÁTICAS DE LAZER E SOCIALIZAÇÃO NO CITROLÂNDIA

47 ao se depararem com a proibição de permanecerem juntos no hospital-colônia, buscaram se apropriar dos espaços
48 que restavam a eles, os arredores da cidadela.

49 O que se quer dizer com isso? Ao ocupar esse espaço simbólico no imaginário da cidade de Betim, os grupos que
50 ocuparam a região também passaram a comportar em suas relações sociais elementos no processo de resolução
51 de conflitos que possuem em seu cerne uma "desigualdade substantiva que percorre todo o sistema de crenças a
52 respeito da incriminação no país" (MISSE, 2008, p. 381) articulando-se ao sentimento ampliado de insegurança
53 na população, dando forma a um processo singular de "acumulação social da violência" (MISSE, 2008) que
54 parece ser um fenômeno, guardadas as suas particularidades locais, que incorpora a identidade social atribuída à
55 população que habita o Citrolândia nos dias de hoje.

56 A violência perpassa o relato dos moradores, presença constante nos sentidos atribuídos por eles ao abordarem
57 as transformações nas formas de A sociabilidade estabelecidas no período 1959 a 2019 (aproximadamente 60 anos
58 de moradia no lugar).

59 2 II. PRÁTICAS DE LAZER E SOCIALIZAÇÃO NO CIT- 60 ROLÂNDIA

61 Os encontros que aconteciam entre os habitantes eram alvo de muita expectativa e representavam momentos de
62 diversão no lugar. Alguns habitantes se envolviam na organização e execução de atividades, todavia, elas foram
63 deixando de existir, fato lamentado pelos entrevistados.

64 Tais práticas foram se reduzindo no cotidiano do lugar e praticamente desapareceram. Segundo alguns relatos, o
65 recrudescimento da violência associadas às mudanças mais amplas na vida urbana encontram-se entre as possíveis
66 explicações para o desaparecimento desses eventos que reuniam os habitantes no Citrolândia. É possível observar
67 nas falas, uma crítica, ainda que velada, à pouca atenção que as autoridades destinavam e destinam à região.

68 A lembrança da existência de múltiplas atividades culturais que ocorriam tanto no Citrolândia quanto na
69 Colônia Santa Isabel está presente nos relatos e demonstra como se articulavam as relações entre os vizinhos.
70 Tinha! Garota e garoto do Citrolândia! Gatão do Citrolândia! (gargalhadas). Tinha os concursos promovido
71 pela Emília e pelo Corsino, que era muito bacana. Tinha um movimento bacana no bairro, sabe? Eu acho que é
72 essa questão que eu te falei, quando começou a violência, aí foi acabando, né? Meio que uma desculpa porque as
73 autoridades podiam colocar mais segurança ao invés de acabar com a cultura do bairro! [...] Já teve muita coisa!
74 Teve. Teve. Tinha baile todo fim de semana do outro lado da BR, na sede da AMARIS. Tinha baile todo fim
75 de semana, tinha muita coisa, assim, futebol, né? (F) (Entrevista realizada em julho de 2019). Nas memórias
76 dos habitantes, estão preservadas as lembranças de uma escola de samba que desfilava na rua e levava os seus
77 componentes para o centro da cidade na década de 1980.

78 A escola de samba começou, é... tinham pessoas que gostavam muito de samba, como Devalci, que já faleceu,
79 tinha o Bilé e eles resolveram então que iam fazer, arrumar essa escola de samba. Aí a gente ia, saía do serviço,
80 chegava em casa cansada e ia lá pro outro lado da BR, que era lá que eram os ensaios. Galpão não! Era na
81 rua mesmo! É porque era muito, era pouco transitada, até na rua onde que mora o... acho que era na Rafael
82 Barbizan, acho que é na Rafael Barbizan. Então tinha pouco movimento naquela época. Então juntava todo
83 mundo e ia pra lá e a gente ficava ensaiando na rua, entendeu? Eu ia mesmo pra lá ajudando a ensaiar as
84 crianças, as coreografias, acompanhar direitinho, pra organização. Aí eu fui, eu acho que uns dois ou três anos,
85 eu fui ajudando. É... quando foi no último ano, que teve o desfile, teve... eu não tenho muita lembrança, mas
86 parece que teve um ano que nós ficamos em segundo lugar [...]No Centro de Betim! A gente desfilava. É. O
87 desfile saía lá onde era a antiga barreira, na avenida Bandeirantes, lá em cima? (E) (Entrevista realizada em
88 abril de 2019).

89 O carnaval se constituía como momento de encontro entre diferentes e de apropriação dos mesmos espaços da
90 cidade, que são relatados pelos moradores do Citrolândia como uma oportunidade de "fazer parte" e, quem sabe,
91 "ser reconhecido" pelos demais moradores da cidade.

92 Que a escola de samba do Citrolândia fazia apresentação no Centro de Betim, era uma das escolas das melhores.
93 É... mas o Sete de setembro, por exemplo, a gente fazia, era interno né? Não participava lá. Então é... mas tinha,
94 existia esse preconceito. Que não era pela violência na época, era por causa da hanseníase ainda (L) (Entrevista
95 realizada em junho de 2019).

96 A expressão "era das melhores em Betim" traduz os sentidos positivos do lugar em relação à cidade, construídos
97 coletivamente e registrados na história e na memória de seus habitantes. A questão da violência já aparece no
98 relato, que destaca a relação com a doença como a causa inicial para as práticas discriminatórias: "não era pela
99 violência".

100 O habitante do Citrolândia, ao ter a experiência de viver no lugar que é o objeto da análise, partirá de outros
101 parâmetros para designar o espaço, não se restringindo à visão externa, mais comumente retratada: "Eu vou
102 falar mal do bairro que eu moro? Tem problema? Eu sei que tem. Não vou falar porque é mentira. Sei. Então...
103 mas aí o Citrolândia é violento. Me aponta um bairro de Betim que não é violento. Se você me apontar..." (C)
104 (Entrevista realizada em abril de 2019).

105 O morador parte, deste modo, de um discurso comparativo entre os bairros e as regiões da cidade de Betim,
106 ao questionar-se quanto a presença da violência em relação aos demais territórios da cidade.

107 Hoje eu fico por aqui mesmo, onde eu conheço todo mundo porque o pessoal às vezes fala pra mudar, pra

108 sair daqui por causa de violência, por causa de, mas violência tá em todo lugar. Então aqui pelo menos aqui as
109 pessoas me conhecem. E eu conheço as pessoas! Não. Eu acho.

110 Eu acho que é um lugar violento. Eu acho. Hoje tá bem mais tranquilo, mas aqui já foi um lugar muito
111 violento entendeu? Depois que veio essa tal dessa, da droga, essas coisas, muda né? Ah eu acho que foi... foi
112 quando começou os anos 1990 que começou a ficar... aparecer mais as coisas sabe? Porque antes não. Era muita
113 tranquilidade, saía pra estudar, chegava quase meia noite, sem medo de nada, sozinha, sabe? Sem problema
114 nenhum! (E) (Entrevista realizada em abril de 2019).

115 O imaginário do medo, mais do que a experiência efetiva de ser afetado por alguma prática associada à
116 criminalidade, se robustece entre os habitantes que passam a reproduzir em seus relatos a imagem tão combatida
117 de lugar perigoso atribuído ao Citrolândia. Ademais as mudanças nas formas de sociabilidade, que se sucederam
118 na sociedade moderna, também impactaram nas relações entre os habitantes.

119 A gente ia longe e assim, mas as amizades eram mais sadias. O pessoal era mais amigo. Entendeu? Era um
120 pessoal assim que, era aquele uma coisa de roça, todo mundo vai na casa de todo mundo, todo mundo senta na
121 porta de todo mundo. Entendeu? Hoje em dia que a gente de vez em quando senta aí fora, mas a gente tinha
122 muito esse hábito de sentar na porta da casa, é coisa de interior né? Só que quando veio chegando, essa tal dessa,
123 essa violência, a gente foi entrando, voltando pra dentro de casa. A gente não vai muito pra rua. Apesar que
124 eu, hoje em dia, falo assim: a rua aqui é uma tranquilidade... Tem hora que você abre, chega na janela aqui à
125 noite os olhos, não passa uma pessoa. É tranquilo, tranquilo! Mas...assim ficou um lugar que você não pode,
126 não conhece todo mundo. Antes eu conhecia todas as pessoas! Todas as pessoas! Eu conhecia todas as pessoas!
127 Ah! Com certeza! Você não conhece todo mundo. E às vezes você tá sentado aqui e eu conheço vizinho daqui e
128 dali e passa pessoas que eu não conheço. Eu não sei quem é, o quê que eles estão pretendendo. Entendeu? (E)
129 (Entrevista realizada em abril de 2019).

130 O reforço de práticas individualistas na sociedade contemporânea, em que os habitantes passam a encerrar
131 suas vidas na privacidade de seus lares, desocupando os espaços da rua, do convívio com a vizinhança, apontados
132 pela entrevistada, demonstram que, gradualmente, os habitantes passaram a se ensimesmarem de tal maneira
133 que "essa tal dessa, essa violência" passa a nomear toda e qualquer vivência negativa na sociabilidade construída
134 entre os habitantes.

135 Porque até então era só o Citrolândia, né? E isso trazia assim... uma angústia... é... eu falo pra quem tá aqui
136 há mais tempo, que é trabalhador, que luta pra fazer as coisas da melhor forma possível, a gente fica... poxa, mas
137 como assim? Né? E aí assim, só pra gente direcionar, eu falo assim: como eu estou e sou e tenho essa ligação com
138 a hanseníase, essa ligação começa com duas pessoas assim muito guerreiras (L) (Entrevista realizada em junho
139 de 2019).

140 É notável, no relato acima, a existência de uma ambiguidade de sentidos vinculada à imagem do lugar.

141 A relação com a doença originada pelo vínculo de parentesco com as pessoas que estavam internadas na
142 Colônia se distingue da visão de lugar violento, presentes no retrato que a cidade construiu em torno do que seria
143 o Citrolândia.

144 Segundo Pollak (1992), a memória ao organizar, manter e dar continuidade ao que foi vivido, selecionando o que
145 guardar, o que esquecer e o que recalcar demonstra que ela é um fenômeno construído e daí uma certa negociação
146 entre a memória e a identidade social acontece por serem fenômenos que não "devem ser compreendidos como
147 essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória
148 dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais
149 (POLLAK, 1992, p. 5).

150 Ao tentar explicar o que pode ter contribuído para o término dessas práticas, a entrevistada aponta que o
151 falecimento do organizador do grupo DO CARNAVAL pode estar entre as causas.

152 Acho que é pelo fato de não ter uma pessoa, um cabeça mesmo tinha... morrido. Aí assim o pessoal esfriou.
153 Porque é ele quem corria atrás. Ele conhecia muita gente no Rio, ele ia pra lá, ele trazia os sambas, ele levava
154 uma proposta e já trazia o samba feito, aquele negócio todo entendeu? (E) (Entrevista realizada em abril de
155 2019).

156 Para Misse (1997) o término do convívio interclasses propiciado por práticas como o carnaval de rua se encontra
157 na raiz de um certo olhar que passa a objetualizar os pobres incorporando a imagem da criminalidade a esses grupos.

158 Nas áreas pobres, essa objetualização está dada pela própria segregação a que estão submetidos igualmente.
159 Mas os pobres resistem a ela, não se consideram pobres senão pela mediação da dignificação de sua pobreza. É
160 uma espécie de « ponto de vista » essencialmente « excluente » e « superior » que parece conter esse olhar
161 objetual, um ponto de vista que se espalhou nas áreas pobres incorporando-se à criminalidade comum ali existente.
162 Mas o modo de produção desse olhar começou em outro lugar, começou na época que assinala o fim do populismo,
163 das escolas e praças públicas, dos bailes e desfiles de carnaval nas ruas, das músicas de carnaval compartilhadas
164 por todas as classes, da sociabilidade que -embora hierárquica -, mantinha as classes em convívio social (MISSE,
165 1997, p. 12).

166 Para ele, a ocupação da rua, do espaço público junto com o convívio, mesmo que hierárquico, entre grupos
167 heterogêneos, estão entre os pontos que, ao deixarem de compor as relações sociais na contemporaneidade, vêm
168 contribuindo para a construção de um olhar que objetualiza o pobre e com isso contribui para a incriminação
169 destes.

4 CONCLUSÃO

170 Junto ao carnaval, outros usos da cidade e de seus espaços públicos, como a rua e os lotes vagos, eram
171 reconhecidos pelos habitantes como espaço de trocas e práticas coletivas.

172 Uai eles tinham, eles brincavam muito aqui nesse campo aqui, só que [...] era um espaço de terra mesmo.
173 Tinha uma mina, muito boa, uma água muito boa [...] E os meninos brincavam, eles brincavam muito ali, era
174 um, uma descida assim ó! E eles colocavam um papelão, um plástico, qualquer coisa assim e descia aquela
175 meninada brincando ali pra baixo e a gente ficava doida com aqueles meninos com medo deles machucar, né?
176 (M) (Entrevista realizada em julho de 2019).

177 Várias brincadeiras como pega-pega, pular corda e jogar bola sobressaem nos relatos: "Brincava de roda, fazia
178 fogueira, assava batata nas fogueiras! Batata, mandioca! É... os pais da gente, junto com a gente fazia as
179 fogueiras e a gente ficava lá contando caso, fazendo, brincando, essas cantigas de roda" (E) (Entrevista realizada
180 em abril de 2019).

181 Isso. E essa escola de samba o pessoal tinha essa ligação com esse pessoal do chiqueirão 1 . Talvez essa questão
182 da música, então tinha alguns encontros. Então assim, muita, muitos jovens naquela época iam. Era um, como
183 se fosse, praticamente, a única diversão. Fora o futebol (L) (Entrevista realizada em junho de 2019).

184 O futebol era um esporte de prática generalizada entre as crianças e adolescentes do lugar e representava
185 um espaço de interação e produção de outras atividades, pois gerava a organização do concurso de garotas que
186 eram eleitas rainhas dos campeonatos e propiciava encontros frequentes entre os múltiplos grupos ali existentes
187 repercutindo na construção de sentidos de uma memória em comum arraigada ao lugar. Além disso, como se
188 depreende da fala acima, o futebol era um mecanismo que possibilitava a circulação dos habitantes em outros
189 lugares e o contato com grupos diversificados. Tal dinâmica favorecia a constituição de sentimentos de pertença
190 e orgulho do grupo e do lugar. Pois é... Eu ...essa...eu não sei te falar. Eu, eu não sei. Porque depois desses
191 tempos que tô aí, aí tinha a festa da MORHAN 2 , você já ouviu falar na festa da MORHAN? Aí nessas épocas
192 sim porque enchia muito, então vinha muita gente de fora, vinha. Agora aí já não sei se já vinha no interesse da
193 festa ou o quê que era...justamente era sobre o preconceito, né? Então mais vinha. Mas eu acredito que aqui do
194 Centro de Betim vem, já vinha, eu acredito que sim, né? (B) (Entrevista realizada em julho de 2019).

195 Os relatos, ao colocarem em perspectiva o que existiu e agora se apresenta fixado nas lembranças do passado,
196 demonstram como a memória, saturada pelo atributo ético, reflete-se sobre as condutas dos indivíduos e grupos
197 sociais (SEIXAS, 2001). Para a entrevistada, o futebol no Citrolândia tinha um aspecto glorioso no passado e
198 o seu predomínio entre as práticas que mais reuniam os habitantes podem ser explicadas pela falta de opções
199 de lazer no território e pela articulação dos habitantes que realizavam os eventos. Hoje, como a maior parte
200 desses habitantes já faleceu e as práticas de lazer passaram a ocorrer em espaços fechados, como os shoppings,
201 por exemplo, os campos se encontram, na maior parte do tempo, sem uso.

202 Era uma coisa! Eu não sei se a questão do acesso, é... era só isso e a gente tinha que fazer do futebol, a vida, de
203 lazer, de... O que era possível. Então assim, é... eles tentaram por muito tempo! Eu lembro de algumas pessoas
204 assim, é... essas pessoas também acabaram morrendo, a questão de idade mesmo, algumas doenças crônicas, mas
205 assim as pessoas tentavam de todo jeito resgatar e aí eu lembro que começou a ter muita briga, confusão então
206 as pessoas começaram, a realmente a... Dispersando. E aí eles conseguiram resgatar um pouco, como Segunda
207 Sem Lei 3 . Que é um time, que eles juntaram, o restante, o restinho daqui, um restinho dali, e aí juntou uns
208 poucos e foi lá. Eles fazem alguns eventos. É? Mas eles têm um dia específico, aí eles têm esse encontro lá, que
209 eles usam esse campo. Mas fora isso eu não vejo assim mais... (L) (Entrevista realizada em junho de 2019).

210 A entrevistada conclui que a passagem do tempo, unida às transformações que aconteceram em todos os
211 âmbitos da vida na contemporaneidade, impactou nas relações ali construídas que deixaram de ter a rua como
212 espaço central, rompendo aí com as práticas coletivas tão intensamente vivas na memória quanto significativas
213 em suas trajetórias de vida. Fig. ???: Desfile dos times de futebol realizado na década de 80 do século XX. 2
214 Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase -MORHAN. 3 Segunda sem Lei é um evento
215 que um grupo de habitantes mais antigos do Citrolândia organizam uma vez ao ano para ocuparem o espaço do
216 campo de futebol conhecido como Bilezão. Além do futebol há atividades de lazer para as famílias com pula-pula
217 e outros equipamentos.

218 3 III.

219 4 CONCLUSÃO

220 O Citrolândia se constituiu como o oposto da cidadela Colônia Santa Isabel ao se estabelecer e consolidar como
221 um espaço de moradia para os familiares que não tinham hanseníase.

222 Nesse território não havia nenhum dos elementos que integravam a paisagem urbanizada da Colônia. Ademais,
223 os relatos demonstraram como se dava a parca atuação do Estado para além de práticas autoritárias de controle
224 do espaço.

225 As ações executadas pelo poder público desde o surgimento do lugar, entre 1940 e 1950, que tomaram vulto
226 com as tentativas fracassadas de remoção dos primeiros habitantes do Citrolândia, tiveram origem na esfera
227 federal e revelaram o caráter conservador e autoritário do governo. Essas ações de remoção, ao expressarem as
228 práticas urbanistas vigentes naquele período, visavam o desaparecimento completo do lugar, que representava a
229 imagem de incivilidade persistente a qual combatiam.

230 Igualmente se aprofundaram os processos de segregação manifestados nos múltiplos projetos de expansão da

231 mancha urbana com a implantação e incremento de novos conjuntos habitacionais, um centro de tratamento de
232 resíduos sólidos (inaugurado em 1996 e desativado em 2011, estando em implantação no mesmo local a Usina de
233 Reciclagem de Resíduos de Construção Civil) e de um presídio nos limites territoriais com o município de São
234 Joaquim de Bicas.

235 Não obstante, aponta-se como manifestações desse aprofundamento o precário investimento em políticas que
236 oportunizem o acesso ao lazer e esporte à população ali residente, ausência de espaços públicos como praças,
237 além da inexistência de fomento às práticas culturais que eram tradicionais, como o desfile de escola de samba e
238 os campeonatos de futebol que contribuíam para o enraizamento das relações no lugar.

239 A antiga dinâmica da segregação composta pelos vestígios da desconfiança de que os habitantes pudessem
240 portar a doença (hanseníase) confinada ao espaço vizinho da Colônia, agregada à distância social, geográfica
241 e econômica da cidade de Betim, combinou-se com as práticas atuais que convertem a forma como o lugar é
242 reconhecido na cidade deixando de ser um espaço de moradia para "filho de leproso" para tornar-se um lugar
243 "perigoso", onde as pessoas estão envolvidas em práticas criminosas.

244 Ao incorporar esta imagem de "periculosidade" ao "caráter" das relações entre seus habitantes e o lugar, tem-
245 se uma identidade social que ultrapassa a ideia do estigma, segundo a perspectiva clássica de Goffman (1974)
246 porque além do rótulo e da discriminação, efetiva-se uma prática de objetualização (MISSE, 1997) que anula a
247 humanidade de seus habitantes e aprofunda o reconhecimento do Citrolândia pela falta moral, como o espaço
248 que resta para aqueles que são identificados como cidadãos de última categoria no tecido social hierarquicamente
249 estabelecido. O convívio histórico da população com práticas de violência simbólica, experimentadas ao longo do
250 tempo em consequência do tratamento discriminatório dispensado aos habitantes, tanto pelo estado, que, num
251 primeiro momento na implementação de políticas de saúde pública que impunham a segregação das pessoas,
252 e, num segundo momento, ignorar a necessidade de prover espaços com infraestrutura e equipamentos públicos
253 de qualidade. A violência imposta por grande parte dos moradores de Betim pode ser observada por meio dos
254 relatos que se percebem duplamente estigmatizados, em função da doença ou da criminalidade. Nesse sentido, as
255 transformações nas formas de sociabilidade no bairro guardam estreita relação não apenas com a crise moral e de
256 autoridade das instituições na atualidade, mas também com o convívio ao longo da história com a discriminação.

257



1

Figure 1: Fig. 1 :



Figure 2:



2

Figure 3: Fig. 2 :

Figure 4:

4 CONCLUSÃO

-
- 258 [Goffman and Manicômios ()] , Erving Goffman , Manicômios . 1974. São Paulo: Perspectiva. (prisões e
259 conventos)
- 260 [Schwarz and Ainda O Livro De Kurz ()] , R Schwarz , Ainda O Livro De Kurz . *Revista Novos Estudos*
261 CEBRAP 1993. São Paulo, Novembro. p. .
- 262 [São ()] , Paulo São . 1997. Ribeirão Preto. p. 308.
- 263 [Misse ()] , Michel Misse . <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/>> 1997. Ministério
264 Públco do Estado do Pará. (Citado em: 10 de Out de 2019. Sobre%20a%20sociabilid
265 ade%20violenta%20de%20Machado.pdf>)
- 266 [Carlos and Fani Alessandri ()] , Ana Carlos , Fani Alessandri . *A condição espacial. São Paulo: Contexto* 2011.
- 267 [Dr and Orestes Diniz; Morhan ()] , E E Dr , N D S I Orestes Diniz; Morhan . 2015. Betim. (Tempo de educar)
- 268 [_____ ()] _____. *Tradução de Rubens Eduardo Frias*, (São Paulo) 2001. Centauro.
- 269 [Adorno ()] *A gestão urbana do medo e da insegurança*, S Adorno . 1996. São Paulo.
- 270 [Halbwachs ()] ‘A memória coletiva’. Maurice Halbwachs . *Laurent Léon SCHAFFTER*, (São Paulo) 1990. Vértice.
- 271 [Lefebvre ()] *A vida cotidiana no mundo moderno. [trad.] Alcides João de BARROS*, Henri Lefebvre . 1991. São
272 Paulo: Ática. p. 216.
- 273 [Peralta ()] *Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da memória*, Elsa
274 Peralta . 2007. p. .
- 275 [Lanza and Moura ()] *Avaliação da atenção primária no controle da hanseníase [manuscrito]: de Minas Gerais*,
276 Fernanda Lanza , Moura . 2014. Belo Horizonte. p. 310.
- 277 [_____ (2011)] ‘Entrevista concedida a] Telma Bessa, convidados: Frederico de Castro Neves’ _____.
278 http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro_portelli.pdf Lídia Noêmia, Marilda
279 Menezes, Gizafran Jucá e, (Teresa Carvalho, Sobral) jan-jun 2011.
- 280 [_____ ()] ‘Espaço e política’ _____. *Tradução de Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins*, (Belo
281 Horizonte) 2008. UFMG.
- 282 [Villaça ()] ‘Espaço intra-urbano no Brasil’. Flávio Villaça . *São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute*,
283 2001.
- 284 [Alberti ()] ‘Fontes orais. Histórias dentro da história’. Verena Alberti . *PINSKY, Carla. Fontes históricas*, (São
285 Paulo) 2008. Contexto. p. .
- 286 [Tinoco et al. ()] *Inquérito de lepra no povoado "Limas*, D G Tinoco , Alcindo Henriques , Amado E , J Coelho
287 . 1962. Serviço Nacional de Lepra. p. 37.
- 288 [Maffesoli et al. ()] Michel Maffesoli , Ana Saturação , Goldberger . *Iluminuras: Itaú Cultural*, (São Paulo) 2010.
289 (trad)
- 290 [Harvey ()] ‘O espaço como palavra-chave’. David Harvey . *GEographia* 2012. 14 p. .
- 291 [_____ ()] *O lugar do/no mundo*, _____. 2007. São Paulo: Labur Edições. p. 85.
- 292 [Elias et al. ()] *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena
293 comunidade*, Norbert E Elias , Scotson , L ; John , Ribeiro Vera . 2000. Rio de Janeiro: Zahar. (trad)
- 294 [Seixas and Alves ()] ‘Percursos de memória em terras de história: problemas atuais’. Jacy Seixas , Alves .
295 *Stella BRESCIANI e Márcia NAXARA. Memória e (res)sentimentos; indagações sobre uma questão sensível*,
296 (Campinas) 2001. Editora da UNICAMP.
- 297 [Pollak ()] Michael Pollak . *Memória e identidade social. Estudos Históricos*, 1992. 5 p. . (Tradução de Monique
298 Augras e edição de Dora Rocha)
- 299 [Portelli ()] Alessandro Portelli . *Ensaios de história oral. São Paulo: Letra e Voz*, 2010. p. 258.
- 300 [Delgado ()] ‘Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo’. Guilherme C O Delgado . *setor de
301 subsistência na economia brasileira: gênese histórica e formas de reprodução*, 2005. p. . (A. do livro) Luciana
302 JACCOUD e [et al]
- 303 [Henriques ()] ‘Relatório do Censo realizado nos Limas’. A A Henriques . *Serviço Nacional da Lepra*, 1952. p. .
- 304 [Negri and Moises ()] ‘Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises’. Silvio Negri , Moises . *Coletâneas
305 do Nossa Temp. Ano VII*, 2008. 8 p. .
- 306 [Misse ()] *Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Civitas: Porto Alegre*, Michel Misse . 2008.
307 8 p. . (set-dez de)
- 308 [Sahr and Sahr (ed.) ()] *Territórios -faxinais-espacos. A problemática "espaço-território" na formação social
309 brasileira*, C L L Sahr , W.-D Sahr . SAQUET, M. A. (ed.) 2008. São Paulo: UNESP. (SPOSITO, E. S.
310 Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos)